



ESCOLA DE
HUMANIDADES

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 1-20, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 1980-864X | ISSN-L: 0101-4064

<http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2025.1.46462>

DOSSIÊ: 150 ANOS DE IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

Uma migração política: as características regionais italianas da militância e o caso dos anarquistas romanos em São Paulo no limiar do século XX

A political migration: the Italian regional characteristics of militancy and the case of Roman anarchists in São Paulo at the threshold of the 20th century

Una migración política: las características regionales italianas de la militancia y el caso de los anarquistas romanos en São Paulo en los umbrales del siglo XX.

Luigi Biondi¹

orcid.org/0000-0002-9723-6727
luigi.biondi@unifesp.br

Recebido em: 22 jun. 2024.

Aprovado em: 20 maio 2025.

Publicado em: 19 dez. 2025.

Resumo: A partir de um estudo geral sobre as origens regionais italianas e as experiências políticas correspondentes de um conjunto de militantes que atuaram no Estado de São Paulo durante a Primeira República, o artigo se concentra no caso dos anarquistas naturais da região Lácio, em grande parte da cidade de Roma, que migraram para São Paulo entre o fim do século XIX e o começo do século XX. Uma abordagem micro-histórica possibilitou a construção de alguns perfis biográficos destes militantes compreendendo sua formação originária e a sua atuação brasileira paulista, evidenciando as heterogeneidades do fazer-se de sua identidade política prevalecente a partir da cultura política romana do campo social radical da época. O artigo analisa a estruturação do que pode ser definida como uma peculiar emigração política de trabalhadores, realizada através de uma cadeia migratória e uma rede de militância glocal, transregional, específica da história das migrações transnacionais entre Itália e Brasil.

Palavras-chave: anarquismo; biografias; imigração italiana; imigração política; movimento operário; São Paulo.

Abstract: Starting from a general study of Italian regional origins and the corresponding political experiences of a group of militants aging in the State of São Paulo during the First Republic, the article focuses on the case of anarchists born in the Lazio region, largely in city of Rome, who migrated to São Paulo between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. A micro-historical approach made it possible to construct some biographical profiles of these militants, comprising their original formation and their Brazilian agency in São Paulo, highlighting the heterogeneities in the making of their prevailing political identity based on the Roman political culture of the radical social field of the time. The article analyzes the structuring of what can be defined as a peculiar political emigration of workers, carried out through a migratory chain and a network of glocal, transregional militancy, inherent of the history of transnational migrations between Italy and Brazil.

Keywords: Anarchism; Biographies; Italian Migration; Political Migration; Labor Movement; São Paulo.

Resumen: A partir de un estudio general de los orígenes regionales italianos y las correspondientes experiencias políticas de un grupo de militantes que actuaron en el Estado de São Paulo durante la Primera República, el artículo se centra en el caso de los anarquistas nacidos en la región del Lacio, principalmente en la ciudad de Roma, que emigraron a São Paulo entre finales del siglo XIX y principios del XX. Un enfoque microhistórico permitió construir algunos perfiles biográficos de estos activistas, comprendiendo su formación original y su actividad brasileña en São Paulo, destacando las heterogeneidades en la construcción de su identidad política predominante basada en la cultura política romana del



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

¹ Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brasil.

campo social radical. de la época. El artículo analiza la estructuración de lo que puede definirse como una peculiar emigración política de trabajadores, realizada a través de una cadena migratoria y una red de militancia glocal, transregional, específica de la historia de las migraciones transnacionales entre Italia y Brasil.

Palabras clave: Anarquismo; Biografías; Migración italiana; Migración política; Movimiento obrero; São Paulo.

A participação dos imigrantes italianos na construção das organizações de trabalhadores em São Paulo, particularmente durante as três décadas iniciais da Primeira República, é um tema histórico amplamente conhecido, inserido, contudo, dentro de um leque interpretativo que, ao considerar esporadicamente as origens regionais desses migrantes, naturalizou uma identidade nacional que, sabemos, é uma construção complexa, definida histórica e socialmente pelas diversas experiências vivenciadas desde a região de origem, e constantemente ressignificadas no contexto dinâmico do próprio processo migratório.

Destarte, podemos lançar uma luz sobre as especificidades do movimento operário em São Paulo desse período considerando os aspectos e as redes regionais dos imigrados da Itália, para além da configuração nacional, que geralmente prevalecia na definição de colônia, comunidade ou coletividade italiana no exterior, no caso, italo-paulista. Acreditamos que esta – afinal também uma “comunidade imaginada”, inclusive repleta de conflitualidades e atravessada por fissuras, antes de classe do que regionais – só pode ser compreendida melhor em suas dinâmicas relacionais e históricas, ao se considerar sua heterogeneidade social e cultural, pela qual um dos aspectos relevantes é também a diferenciação regional interna. A origem regional é um aspecto que em alguns momentos pode ter operado como fator de exclusão e de fechamento, mas, em muitos outros, como elemento unificador sem ser exclusiva e excludente, um facilitador da agregação política desses migrantes transnacionais, de sua mobilização coletiva, da circulação de ideias e experiências, que – acreditamos – as redes de pertencimento regional têm também favorecido, ainda que dentro de uma situação que apresentava desafios, semelhanças e mais ainda diferenças.

Algumas obras pioneiras, nesse âmbito, inspiraram a nossa proposição de que a comum origem socioespacial, definida regionalmente, dos migrantes italianos na sociedade paulista tem contribuído para o autorreconhecimento, as trocas relacionais, a significação das experiências políticas nas dinâmicas organizativas dos trabalhadores.

O protagonismo dos italianos da Toscana no associativismo operário paulista, sobretudo no campo anarquista, já foi identificado em fundamentais estudos de caso ou biográficos (Benevides; Romani, 2019; Biondi, 2022; Romani, 2015; De Ruggiero, 2020, p. 225-237; Toledo, 2004). Calabreses (Massara; Greco, 2010), vênéticos (Biondi, 2023), emilianos e romanholos (Biondi, 2003; Toledo, 2004; Urriola, 2016) foram em parte estudados no seu aporte ao associativismo operário no Estado de São Paulo.

Em termos historiográficos mais amplos, no campo temático da história das migrações internacionais para as Américas, e mais especificamente da relação entre migração e militância política nos mundos do trabalho urbano, podemos encontrar inspirações nas poucas mas fundamentais obras que enfatizaram primeiramente essa dimensão “glocal” das experiências políticas construídas nos planos duplos do regionalismo transnacional. Certamente, a indagação apurada de Franco Ramella (1998) sobre os tecelões de Paterson-NJ (EUA) e o clássico de Donna Gabaccia, *Militants and migrants* (1988), que focalizou a inserção dos trabalhadores rurais e urbanos de pequenos centros da Sicília na área de Nova York e que, antes da emigração, haviam participado dos *Fasci Siciliani*, um dos primeiros movimentos sindicais, estritamente ligados ao surgimento do movimento socialista italiano.

Em contraste ao mais difuso olhar nacional indiferenciado, alguns estudos pioneiros sobre o associativismo mutualista urbano dos trabalhadores italianos na Argentina (Baily, 1982, 2000; Barrancos, 1993) mostraram em diversos momentos a origem regional de muitas dessas organizações, notadamente a influência da componente política republicana e socialista de piemonteses e geno-

veses na constituição de sociedades operárias em Buenos Aires.

Mais recentemente, as sugestões de Marcel Van der Linden (2013) neste debate global foram na direção de limitar o chamado "nacionalismo metodológico" nos estudos de história social do trabalho, que naturalizava uma pretensa homogeneidade do Estado-nação. Este, que segundo o autor continua sendo "[...] um aspecto essencial do sistema mundial. No entanto, é um aspecto que precisa ser totalmente historicizado e relativizado em face de aspectos subnacionais, supranacionais e transnacionais" (Linden, 2013, p. 15)

Também no nosso caso, sem esquecer a dimensão nacional implícita nos fenômenos migratórios globais, acreditamos que uma análise que considere as dinâmicas subnacionais no plano das "redes socioespaciais múltiplas" (Mann *apud* Linden, 2013, p. 16), de cunho regional e transregional, possibilita complementar, historicizar e ao mesmo tempo dinamizar os aspectos nacionais.

Enfim, identidades e configurações etnorregionais, para além do padrão do conceito de Estado-nação, são frutíferas para compreender mais profundamente as redes de relacionamentos que sustentam ações coletivas e mobilizações da classe trabalhadora e seus fenômenos associativos e organizativos em geral, sobretudo políticos.

O aporte de tramados de relações e experiências diferenciadas segundo as origens regionais e provinciais particulares daqueles imigrantes que participaram ativamente do movimento associativo operário pode ser estudado lançando mão de uma abordagem de tipo prosopográfico, a partir de um conjunto de 540 militantes italianos que atuaram no Estado de São Paulo durante a Primeira República.

Desses, foi possível conhecer os dados biográficos principais e parte de suas trajetórias antes e durante a migração, sobretudo através de pesquisa realizada nos arquivos da Itália², particularmente em fundos policiais, com algumas correspondências documentais em relação

a suas origens encontradas também em fontes analisadas no Brasil.

Trata-se, certamente, de um universo micro-histórico, reduzido em termos quantitativos mediante os milhares de trabalhadores imigrados no ambiente paulista, mas importante em termos qualitativos, pois permite adentrar, através de uma "abordagem sociobiográfica" (Groppo, 2011, p. 6), os percursos individuais de militantes políticos que tiveram alguma atuação nos movimentos dos trabalhadores. Aquelas vidas que é possível reconstruir, acompanhar, dar voz, jogar uma luz, entre os tantos militantes, que em geral perdemos nas suas especificidades quando os nossos olhares apontam para as ações coletivas.

Considerando esse conjunto de militantes, podemos assinalar algumas tendências gerais, a partir de uma tabela exemplificativa que compara de forma sintética a origem regional desse conjunto de militantes estudados, considerando a incidência da emigração para o Brasil da região de procedência correspondente.

² A pesquisa realizada a partir dessa documentação foi desenvolvida de forma sistemática em 2018 e 2019 graças ao financiamento com bolsa BPE do projeto de pesquisa de Luigi Biondi, *Militantes italianos em São Paulo na Primeira República: uma Prosopografia*, processo n. 2018/01401-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

TABELA 1 – Militantes italianos no Estado de São Paulo e imigrantes italianos no Brasil segundo sua origem regional conhecida³

Região	Macroárea interregional	Militantes italianos (Estado de São Paulo)	Imigrantes italianos (Brasil) ⁴
Toscana	Centro	32,6%	6,7%
Emilia-Romanha	Nordeste	14,6%	4,6%
Lácio	Centro	10,5%	1,3%
Veneza (Vêneto e Friuli)	Nordeste	7,4%	29,1%
Campânia	Sul	6,4%	13,2%
Lombardia	Noroeste	5,4%	8,2%
Marcas	Centro	5,2%	1,9%
Piemonte	Noroeste	4,3%	3,2%
Calábria	Sul	2,3%	11%
Abruzos e Molise	Sul	1,9%	7,2%
Apúlia	Sul	1,9%	3,0%
Úmbria	Centro	1,7%	0,9%
Basilicata	Sul	1,5%	4,3%
Ligúria	Noroeste	1,3%	0,7%
Sicília	Sul	0,8%	3,6%
Trentino	Nordeste	0,8%	?
Veneza-Júlia	Nordeste	0,6%	?
Sardenha	Sul	0,0%	0,4%

Fonte: elaboração do autor.

Algumas observações prévias precisam ser feitas. Enquanto os dados percentuais da origem dos militantes se referem a pessoas que imigraram no Estado de São Paulo e ali atuaram durante a Primeira República, os dados correspondentes por região da imigração italiana se referem ao Brasil como um todo a partir de 1878, pois não existem estudos estatísticos sobre a presença dos italianos por origem regional em São Paulo.

De qualquer forma, considerando que: a) cerca

de 70% do total dos imigrantes italianos no Brasil se dirigiram ao Estado de São Paulo nesse longo período (Trento, 2022, p. 108); e b) a incidência da imigração italiana no Brasil na década de 1920 nem de longe foi comparável à das décadas anteriores⁵ – podemos dizer que essa tabela comparativa fornece indícios interessantes que podem ajudar a pensar melhor a relação entre militância e imigração de um ponto de vista da procedência regional italiana.

³ As porcentagens foram arredondadas e desconhecemos os números de imigrantes das regiões do Trentino e da Veneza-Júlia, para as quais não temos estatísticas migratórias italianas até 1921, sendo duas regiões incorporadas ao Reino da Itália somente em 1919.

⁴ As porcentagens dos italianos imigrados no Brasil foram elaboradas por mim a partir dos dados do Ministero dell'Agricoltura, Industria e Commercio, *Statistica dell'emigrazione italiana all'estero, 1878-1937*, fornecidos por Trento, 2022, p. 41, p. 59, p. 302-303.

⁵ São 85.265 pessoas mediante, por exemplo, cerca de 1.100.000 do período 1875-1902 (Trento, 2022, p. 36-37, 302-303).

Os imigrantes originários de regiões da Itália do norte – os *settentrionali* – nunca constituíram o principal grupo macrorregional assíduo na militância política no Estado de São Paulo, como seria de se esperar pelos números de imigrantes dessas regiões presentes no Brasil e pela já consolidada rede setentrional de organizações operárias do fim do Oitocentos, que na Itália da época já concentrava o maior número de associações de socorro-mútuo, sindicatos e grupos políticos das três principais tendências políticas do mundo do trabalho (socialistas, anarquistas e republicanos).

O norte da Itália (Piemonte, Lombardia, Ligúria, Emilia-Romanha, Vêneto e Friuli⁶) contribuiu com aproximadamente um terço dos militantes identificados que atuaram no Estado de São Paulo. Porém, essas regiões, que tiveram um aporte extraordinário para a imigração italiana no Brasil, constituindo quase metade do total dos italianos imigrados no país, somente nos casos da Emilia-Romanha, do Piemonte (e parcialmente da Ligúria), evidenciaram uma proporção maior de militantes em relação aos respectivos imigrantes ingressados aqui. Os emilianos e romanholos (cerca de 15% dos militantes identificados) são os que efetivamente divergem do quadro macrorregional setentrional, tendo como polo oposto os vênnetos e os friulanos (cerca de 7%), para os quais o imenso número de imigrantes não se refletiu nem um pouco numa presença política proporcionalmente mais significativa, sendo o quarto grupo regional militante mais representativo somente pelas forças dos números de seus imigrantes entrados no Brasil⁷.

Como apontado por estudos gerais (Hall, 2004, p. 258-289), não podemos atribuir à militância italiana de origem setentrional uma preponderância quase natural no mundo do trabalho urbano paulista em São Paulo só porque já na época o norte da Itália era a macrorregião mais industrializada, sendo que a maioria dos imigrantes italianos no Brasil era de origem rural e sobretudo das pro-

víncias do nordeste italiano – ao contrário, muito pouco industrializadas.

As regiões da Itália do sul (cerca de 15% do total dos militantes), contrariamente, espelham em geral um comportamento político coerente com a situação da formação organizativa política e sindical dos trabalhadores meridionais na época estudada, entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX⁸. Todas apresentam uma relação proporcional desfavorável entre o número de militantes em São Paulo e o número de imigrantes, com divergências notáveis no caso dos calabreses, quarto grupo regional italiano imigrado no Brasil, mas com pouco mais de 2% de militantes biografados no Estado de São Paulo, ainda mais considerando que os calabreses tiveram uma presença urbana das mais significativas em São Paulo, sobretudo na capital (Cappelli, 2013). A única região meridional que se destaca é a Campânia, que deu uma contribuição notável em termos de imigrantes, sobretudo urbanos (baste pensar nas cadeias migratórias do Cilento, sub-região da província de Salerno, proporcionadas às vezes pela família e pela rede dos Matarazzo) (Chieffallo, 1994), mas que, ainda assim, não apresenta uma proporção de militantes condizente. O associativismo dos meridionais em São Paulo tinha uma forte identidade política monarquista, católica, antissocialista e antissindical, obviamente oposta também ao anarquismo, comumente expressa em muitas situações de embates políticos e disputas internas às coletividades urbanas italo-paulistas, sobretudo na capital (Biondi, 2011, p. 51-154).

As tradicionais regiões da Itália central (Toscana, Úmbria, Marcas e Lácio) contribuíram de fato com metade do total dos militantes italianos estudados, uma proporção incrível considerando-se o aporte bem menor em termos de imigrados no Brasil. Os toscanos constituem o maior grupo militante em absoluto em São Paulo (quase um terço do total), e os do Lácio, o terceiro grupo.

⁶ Essas duas, na época, constituíam uma única região chamada Veneza, divisão que vigorou até 1945.

⁷ Vênnetos e friulanos, perfazendo cerca de 350.000 pessoas, constituíram quase um terço do total dos imigrantes italianos entrados no Brasil entre 1887 e 1920 (Trento, 2022, p. 41, p. 59).

⁸ Em 1894, o conjunto das Sociedades Operárias na Itália era assim distribuído: Norte, 4.067; Sul, 1.556; Centro, 1.381 – lembrando que as regiões da Itália central tinham menos da metade da população das regiões da Itália do sul. Ainda em 1904, 77% dos sócios de associações operárias de socorro mútuo estavam concentrados nas regiões da Itália do norte e na Toscana (Tomassini, 1999, p. 21, p. 30).

Logo, o núcleo principal da militância italiana em São Paulo se alimentava da presença de imigrantes procedentes da Itália central, tendo o Lácio, que nunca foi uma região de forte emigração, como elemento surpreendente, mais que a própria Toscana.

Essa presença toscana e romana evidencia dois fatores que pesaram e agiram conjuntamente: 1) o Brasil foi o país predominante nas migrações transoceânicas desses dois grupos regionais; 2) havia uma militância política difusa nessas regiões de centros urbanos de grandes e médias dimensões, mas ainda não industrializadas, entre as principais na frente da formação organizativa dos movimentos dos trabalhadores, sobretudo de tendência anarquista, desde a década de 1870 (Giulietti, 2012; Zangheri, 1997). Por outro lado, os imigrantes toscanos e romanos são extremamente minoritários em relação a outros grupos regionais se olharmos as porcentagens referentes à imigração italiana para o Brasil no período, o que enfatiza mais ainda a importância de suas experiências políticas prévias e aponta para uma dinâmica migratória fortemente caracterizada e motivada também por redes e dinâmicas políticas regionais.

O caso das regiões centrais, e mais particularmente do Lácio, evidencia a existência daquela que podemos definir como uma emigração eminentemente política, que intercepta a disponibilidade do Brasil pela existência de um mundo urbano em formação no Estado de São Paulo que absorve trabalhadores qualificados, ao mesmo tempo com grande presença de imigrantes italianos, o que possibilita a operacionalidade das redes etnopolíticas. O perfil de trabalhador artesão, do pequeno comércio ou da construção, típico desses militantes, como observado pela análise de centenas de biografias, se encaixava perfeitamente no mundo urbano paulista das décadas de 1890 e 1900, coincidente com a maior pressão de controle e repressão do anarquismo na Itália, que estimulava a diáspora desses cidadãos politicamente "perigosos".

No plano provincial, os dados da origem da militância reforçam estas considerações, mas ao mesmo tempo possibilitam uma leitura mais aprofundada das procedências e da existência de redes políticas, ao diminuir em espaços menores a distribuição efetiva dos militantes pesquisados.

TABELA 2 – Militantes biografados que atuaram no Estado de São Paulo durante a Primeira República segundo a origem provincial italiana (números absolutos, considerando as províncias com mais de 10)

Província	Região	Militantes
Lucca	Toscana	63
Roma	Lácio	51
Pisa	Toscana	33
Florença	Toscana	27
Forlì ⁹	Emília-Romanha	19
Bolonha	Emília-Romanha	17
Massa-Carrara	Toscana	16
Livorno	Toscana	16
Ancona	Marcas	15
Salerno	Campânia	15
Mântua	Lombardia	15

⁹ Atualmente província de Forlì-Cesena, até 2000 compreendia também a atual província de Rimini.

Província	Região	Militantes
Nápoles	Campânia	14
Ravenna	Emilia-Romanha	13
Módena	Emilia-Romanha	13
Treviso	Vêneto	11
Cosenza	Calábria	10
Rovigo	Vêneto	10

Fonte: elaboração do autor.

Parece evidente, então, que a procedência majoritária dos militantes diz respeito a uma área contígua que compreende as províncias toscanas setentrionais de Massa-Carrara, Lucca, Livorno, Pisa e Florença; as províncias emilianas de Bolonha, Módena, Parma e Ferrara e as romanholas da Ravenna e Forlì; a província lombarda de Mântua; e as províncias das Marcas de Pêso e Ancona – o que corresponde fundamentalmente ao *milieu* associativo urbano, e também rural, dos movimentos socialista e anarquista na Itália da época precedente à Primeira Guerra Mundial (Giulietti, 2012).

Para além dessa macroárea, destaca-se a província de Roma, que mantinha fortes ligações políticas e culturais com esse mundo da Itália centro-setentrional.

É importante dizer, também, que diversos militantes naturais de outras regiões, antes de emigrar para o Brasil, atuaram também na cidade de Roma; sobretudo os originários das províncias da Romanha e das Marcas, áreas historicamente ligadas a Roma por fluxos migratórios internos que ocorriam desde a época moderna dentro do antigo Estado Pontifício.

Agora, olhando para uma definição geográfica subnacional das tendências políticas, foi a predominância anarquista de algumas províncias centro-setentrionais e de Roma que se refletiu fortemente no associativismo e nas posturas políticas do movimento operário paulista, naqueles meios, grupos e organizações de que os imigrantes italianos eram uma parte consistente. Das onze províncias que contam mais de

quinze militantes, nove tem uma predominância anarquista aclarada, com mais da metade dos biografados em cada província ligados a grupos anárquicos antes de sua emigração para o Brasil, originários da Toscana, de Roma e da Romanha (Ímola, perto de Bolonha, e as províncias de sudeste de Ravenna e Forlì-Cesena).

Rotellini e seus amigos: redes e culturas políticas dos romanos em São Paulo entre republicanismo e anarquismo

A presença importante de imigrantes romanos no movimento operário em São Paulo durante a Primeira República é uma das experiências de militância transnacional mais originais e peculiares da época, sendo a emigração da trabalhadores originários de Roma, e mais amplamente da região Lácio, um fenômeno de extrema raridade na história das migrações dos italianos.

Entendemos aqui como *romanos* o que na época era também o senso comum, que definia assim regionalmente não somente os moradores ou naturais da capital, a cidade de Roma propriamente dita, mas também todos os habitantes da região Lácio. Do ponto de vista administrativo, no período 1870-1923, os territórios da região Lácio e da província de Roma coincidiam: o Lácio era uma região com uma única província.

O papel de capital nacional do Reino da Itália que Roma desenvolveu desde 1870, quando terminou o Estado Pontifício e essa cidade, junto com a região Lácio, último resto desse Estado Teocrático, foi anexada à Itália, tornou o milenário centro urbano um novo polo de atração

de migrações internas, sobretudo a partir dos outros municípios da região e das províncias da Itália central e dos Abruzzos, alargando nesse sentido o que havia sido historicamente capital dos antigos estados papais. Transformações e crescimento urbano derivados desse novo papel de capital da Itália moderna não somente atraíram novos fluxos migratórios internos, mas também possibilitaram a absorção da própria população trabalhadora romana original na expansão do setor da construção e do tradicional mundo artesão e do pequeno comércio (Sircana, 2008, p. 15-21). No Brasil, os imigrantes originários do Lácio constituíram pouco mais de 1% do total dos imigrantes italianos chegados entre 1878 e 1937, evidenciando uma origem (a cidade de Roma) e uma inserção (principalmente as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo) quase exclusivamente urbana. Fundamentalmente, tratava-se de uma diáspora política de tipo citadino, inicialmente fortemente direcionada pelo governo italiano através das autoridades policiais romanas.

A imigração subvencionada, como sabemos, voltada para estimular a vinda de famílias de lavradores, foi assim usada "ilegalmente", à revelia dos agentes paulistas da emigração, pela delegacia central de Roma (*Questura*), que enviava os militantes para São Paulo:

- a) como agregados de verdadeiras famílias de camponeses, na forma de falsos parentes do chefe de família; ou
- b) como núcleos familiares de falsos lavradores; ou, ainda,
- c) combinando as duas formas¹⁰.

Num segundo momento, a *Questura di Roma* passou às vezes a financiar também a passagem direta e individualmente, ou concedendo uma modesta verba auxiliar a esses migrantes, continuando na exploração da passagem subvencio-

nada pelo Estado de São Paulo, omitindo o seu real perfil social. Pela origem totalmente urbana desses militantes imigrados, precisava enganar os agentes paulistas da emigração que certamente não frequentavam as cidades na procura de imigrantes e particularmente a capital italiana e o Lácio, completamente fora dos principais fluxos migratórios rurais entre Itália e Brasil.

O primeiro núcleo de militantes romanos (junto com naturais de outras regiões, mas militantes na capital italiana), quase todos anarquistas, chegou a São Paulo em fevereiro de 1893, passando pela Hospedaria dos Imigrantes. É conhecido como o famoso "caso dos falsos cunhados", pois alguém já na Itália deixara passar as informações da real natureza desta migração para as autoridades policiais paulistas, que pela primeira vez devia lidar com imigrantes indesejados por motivos políticos sociais: alguns foram capturados e expulsos, outros se perderam na cidade e no estado ou se dirigiram para o Prata, outros, ainda, voltaram sozinhos para a Itália (Leal, 2006, p. 228-250). Mas esse seria só o começo, pois durante os anos de 1893, 1894 e 1895 continuariam chegando militantes romanos, com suas famílias ou individualmente¹¹.

As autoridades paulistas, utilizando-se de informadores italianos e da tradução de algumas cartas apreendidas, embora considerassem todos esses militantes "anarchistas" (o que não correspondia exatamente às identidades políticas de todos eles, como pode ser averiguado a partir das fontes policiais e diplomáticas italianas), relatam apropriadamente que a sua vinda foi estimulada e favorecida pela polícia romana após um período de atentados e mobilizações intensas que ocorreram na capital italiana entre 1888 e 1892, ao mesmo tempo identificando o papel ambíguo de um desses imigrantes, Leonida Amici, um ex-policia infiltrado nos grupos subversivos que devia acompanhar e controlar

¹⁰ É o caso, por exemplo, do núcleo familiar de Angelo Sagnori, de Roma, que chegou com o vapor italiano Stura em 15 de julho de 1893 com o falso cunhado, Gedeone Buratti, suspeito de anarquismo pela polícia paulista por não ter parentesco real com o chefe do núcleo familiar. A polícia paulista não considerou como suspeito o próprio Sagnori, embora uma das suas filhas, com apenas 14 meses, se chamasse Atea, nome que revelava a cultura anarquista da família (APESP, IP de 18 jul. 1893, AP, PP, C3223 e APESP, LMHIS, livro 41, p. 277).

¹¹ Cruzando as listas de entrada da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo com a documentação policial italiana e a imprensa anarquista paulistana, podemos identificar muitos mais indivíduos suspeitados pelas autoridades policiais paulistas.

a realização do plano de expatriação forçada mimetizada (APESP, AP, PP, C2760)¹².

Amici, que era natural das províncias da Romanha, de Forlì, como diversos trabalhadores e militantes em Roma nessa época – o que favorecia sua atividade de infiltração –, residente na capital italiana havia anos, e que havia sido sargento da polícia italiana, aparece como um dos jurados do processo que termina em 1891 contra Stocchi, Gnocchetti e outros trinta militantes que haviam coordenado a grande mobilização operária seguida de saques e embates, em fevereiro de 1889, com a participação de diversas uniões e associações de trabalhadores (ASR, TCP, PP, b. 4858, f. 44777).

Na coordenação dessa manifestação, esteve envolvido também o tipógrafo Vitaliano Rotellini (Roma, 1865), personagem que aparece como o primeiro militante de destaque da região romana a chegar no Brasil, quase certamente também com uma pressão, e ao mesmo tempo ajuda, da polícia romana, mas com contatos políticos prévios em São Paulo, articulados fundamentalmente por Andrea Costa (famoso ex-anarquista), na época deputado socialista e portanto muito presente no ambiente romano, que possibilitaram a entrada do jovem tipógrafo na redação e na produção de *Il Messaggero*, jornal socialista de língua italiana de São Paulo, dirigido por antigos companheiros de luta de Costa na Emilia-Romanha, fundado em maio de 1891 (Bertolotti, 1891)¹³.

Rotellini chegou a São Paulo em 1891, fugindo de alguns processos em Roma contra anarquistas, republicanos e socialistas envolvidos nos embates das diversas mobilizações que ocorreram

entre 1888 e 1891 (Grella, 2012; Sircana, 2008), inclusive do processo sobre a última e mais famosa manifestação que ocorreu na praça Santa Croce por ocasião da primeira comemoração do 1º de Maio de 1891, que resultou em mortos e feridos (ASR, TCP, b. 6085). Rotellini mantinha relações corriqueiras com algumas das figuras mais importantes do movimento operário italiano – Costa, Malatesta¹⁴, Cipriani¹⁵ – e com lideranças locais como Pietro Stocchi, republicano, Ettore Gnocchetti, anarquista, e Cesare Golfarelli, um socialista da Romanha, na época em Roma (ASR, TCP, b. 6086, f. 58987 e b. 6085): os três últimos, graças também a Rotellini, emigraram anos mais tarde para São Paulo (ACS, CPC, b. 4469, f. Rotellini Vitaliano; b. 4957, f. Stocchi Pietro; b. 2469, f. Gnocchetti Ettore; b. 2477, f. Golfarelli Cesare).

Nesses anos da década de 1880 e início de 1890, as manifestações e a radicalização do movimento operário em Roma encontraram também um apoio explícito na política editorial do diário *Il Messaggero* de Roma, já na época com uma das maiores tiragem nacionais, em que Rotellini trabalhava como um dos tipógrafos mais experientes e colaborando com a redação. Esse jornal havia sido fundado por Luigi Cesana em 1878, com o apoio do pai, já proprietário do diário *Il Fanfulla*, publicado em Roma desde 1871. Nesse momento, *Il Messaggero* era considerado quase como o porta-voz do movimento operário em Roma, tendo aberto suas páginas para artigos de Merlino e Cipriani (ASR, TCP, PP, b. 4855-4856, f. 44777).

Esses títulos escolhidos para homônimos jornais italo-paulistanos não por acaso voltam na vida profissional de Rotellini em São Paulo: tra-

¹² ANARCHISTAS. Relatório reservado do chefe de polícia de São Paulo, Theodoro Dias de Carvalho Júnior 2ª seção. [S. l.], 10 jul. 1893.

¹³ Andrea Costa (1851-1910), a partir de 1879, havia se distanciado progressivamente do anarquismo, até ser eleito no parlamento italiano em 1882 sob a égide de um novo partido socialista por ele fundado, o Partido Socialista Revolucionário, um dos embriões da socialdemocracia italiana, que aceitava a participação nas instituições da democracia representativa (Zangheri, 1997, p. 141-188).

¹⁴ Errico Malatesta (1853-1932) pode ser considerado o principal intelectual e ativista anarquista italiano, reconhecido também globalmente. A partir da década de 1880, e sobretudo durante a década de 1890, o programa político de Malatesta foi se modificando gradativamente em direção a um reconhecimento da necessidade dos anarquistas de agir não mais através de reduzidos grupos revolucionários de vanguarda ou pela prática dos atentados, mas por meio de grupos políticos diversificados, mais amplos, conectados com e na sociedade, incluindo os sindicatos e as associações operárias (Turcato, 2015).

¹⁵ Amilcare Cipriani (1844-1918) nasceu na província de Roma, na pequena cidade portuária de Anzio, de pais originários da Romanha. Pode ser considerado uma das principais figuras políticas que na Itália constituíram o elo entre a passagem do republicanismo social democrático e revolucionário para os movimentos sociais mais radicais na luta de classes, de tendência socialista e anarquista. Participou da Comuna de Paris em 1871, foi deportado, voltou para a Itália, atuando sobretudo nos grupos políticos romanos e da Romanha, tendo vivido muitos outros períodos em Paris, onde faleceu. Por sua importante participação organizativa em todas as principais mobilizações do movimento operário na capital italiana (foi um dos oradores da primeira comemoração do 1º de Maio em Roma), era um ponto de referência para todos os núcleos políticos e sindicais do Lácio (Sassi, 2019).

balhou na redação e tipografia de *Il Messaggero* de São Paulo e, em julho de 1893, fundou aqui o *Fanfulla*, um dos diários em língua italiana mais importante das Américas durante a primeira metade do século XX e principal expressão editorial da coletividade italiana no Brasil desde a época de sua fundação (Trento, 2013, p. 173).

Rotellini atravessou vários campos políticos e mantinha contatos na maçonaria romana de marca republicana e socialdemocrata, havia participado do movimento sindical local na organização da associação dos tipógrafos e contribuído a formar a União Emancipadora dos Pedreiros, a partir de uma reunião organizada na redação de *Il Messaggero* em 1886, junto com o diretor Cesana e Andrea Costa (ASR, TCP, PP, b. 4855-4856, f. 44777).

Mais importante ainda, Rotellini é um dos cinco membros da comissão que coordenou, em dezembro de 1887, a partir de reunião na Associação dos Tipógrafos, a constituição do *Consolato Operaio*, primeira central de associações operárias sindicais e mutualistas de Roma, com a adesão de catorze agremiações da capital e cinco da província, entre as quais podemos anotar a União dos Pedreiros de Civitavecchia¹⁶, lembrando que um grupo de militantes originários dessa cidade portuária consta entre os anarquistas suspeitos que as autoridades paulistas pretendiam expulsar em 1893 (IP, 18 jul. 1893, APESP, AP, PP, C. 3223).

Durante a segunda década de 1880, era mais propriamente um militante anarquista, tendo se aproximando muito de Cipriani e Malatesta, campo que aparentemente estava abandonando para o socialismo costiano, quando emigrou para São Paulo, voltando, já no Brasil, ao republicanismo social e nacionalista da juventude, embora tenha se afastado completamente da militância ativa quando o *Fanfulla* começou a se tornar um empreendimento editorial de sucesso no fim do século XIX, mantendo simpatias republicanas (ACS, CPC, b. 4469, f. Rotellini Vitaliano).

Antes de fundar o *Fanfulla* paulista, passou um breve período no Rio de Janeiro, onde conseguiu publicar por cinco meses o semanário em língua

italiana *L'Aquila Latina* (o primeiro número é de junho de 1892) de tendência republicana (Trento, 2013, p. 237). A simbologia que residia na águia latina não remete ao imperialismo romano, nesse caso, mas à república romana e ao associativismo operário da capital italiana: a mesma águia decorava a haste da bandeira da União Emancipadora, o sindicato dos pedreiros de Roma, como, aliás, evidenciado pelas acusações contra os anarquistas que usaram essa haste para bater os agentes da polícia nos embates da praça del Gesù em 1908, envolvendo ao menos três mil trabalhadores do setor da construção civil (ACS, DGPS, 1908, b. 8).

Provavelmente foram as redes maçônica republicana e socialista que lhe proporcionaram os capitais e os contatos para iniciar a longa aventura do *Fanfulla*, o qual contou com uma tipografia moderna e apoios financeiros e políticos importantes, ao passo que se afastava explicitamente da militância, mas sem perder a simpatia e o interesse pelas questões sociais e proteger ou defender os antigos companheiros, sobretudo os ligados ao ambiente romano. Para as autoridades diplomáticas italianas, de fato, Rotellini permanecia de todo modo uma personagem ambígua, com contatos que variavam da polícia e dos políticos locais e italianos até o movimento operário em São Paulo e em Roma, e reconhecido certamente como um dos articuladores do anômalo fluxo migratório de militantes que atravessavam o Atlântico (ACS, CPC, b. 4469, f. Rotellini Vitaliano). Em 1892, com a ajuda de alguns advogados italianos, conseguiu convencer as autoridades brasileiras a libertar Galileo Botti, na época diretor do jornal de denúncia social *Gli Schiavi Bianchi*, publicado em São Paulo, que estava sendo expulso em agosto pela sua atividade político-jornalística (ASDMAE, Serie Z, b. 81, f. 1452).

Nesse período 1885-1895, aproximadamente, as atividades comuns e a estruturação de redes políticas compartilhadas, sobretudo entre republicanos e anarquistas, mas também com

¹⁶ Commissione Provvisoria per l'istituzione di un Consolato Operaio in Roma, "A tutte le Società popolari di Roma e Provincia", Roma, 12 dez. 1887, panfleto apreendido na residência de Pietro Stocchi em 1889 (ASR, TCP, PP, b. 6086, f. 58987).

o socialismo marxista em via de consolidação organizativa, foram particularmente intensas no ambiente romano (Grella, 2012, p. 26-28) e se transferiram para São Paulo, assim significando politicamente esse fluxo migratório.

A presença de Rotellini no Brasil, já bem consolidada em torno do seu jornal e tipografia associada, favoreceu outra iniciativa da polícia romana de facilitar, em julho de 1897, na véspera das investigações e do processo aos supostos cúmplices do caso Acciarito, a migração para São Paulo de duas figuras de destaque: o republicano Pietro Stocchi, como vimos, um dos principais articuladores com Rotellini do movimento operário em Roma no fim dos anos de 1880; e o anarquista Gigi Damiani, o "astro nascente" do anarquismo romano¹⁷. Ambos resultavam envolvidos no imbróglio que foi o atentado fracassado de Acciarito contra o rei Humberto I, que levou à desarticulação da rede associativa republicana e libertária e do associativismo sindical e socialista na cidade, com evidentes efeitos repressivos nacionais por ter sido envolvida a pessoa do soberano (ASR, QR, b. 75, f. 282, f. 283). Damiani, muito provavelmente, assistiu na cadeia ao "suicídio" do republicano Frezzi, injustamente torturado e acusado como cúmplice de Acciarito, em maio de 1897 (Carocci, 2012, p. 21-28; Coletti, 1971, p. 62-63).

Stocchi (Genzano, 1865, residente em Roma desde 1885, mestre de cantaria, continuou no campo republicano também em São Paulo, onde faleceu em 1929; liderança reconhecida dos dois grupos italianos da capital paulista, atuou em associação com libertários e socialistas em muitas mobilizações (Biondi, 2011, p. 101-102). Por exemplo, anos mais tarde, ele e Damiani publicaram em São Paulo o número único *Pro vittime politiche d'Italia* (29 jul. 1914), com uma tiragem de 10.000 cópias, em apoio às vítimas da revolta da chamada Semana Vermelha de Ancona (7 a 14 de junho de 1914). O irmão mais novo, Bruto Stocchi (Genzano, cerca de 1880), era ele próprio um militante anarquista, que também se estabeleceu em São Paulo: muito amigo de

Tobia Boni, colaborava regularmente com o jornal *La Battaglia*, integrava o grupo La Propaganda, e a partir de 1905 se transferiu ao interior, Jaboticabal e depois Jardinópolis, onde fundou grupos anarquistas locais, continuando na difusão da imprensa anarquista, seja a publicada no Brasil, seja *Il Grido della Folla*, que recebia da Itália (*La Battaglia*, São Paulo, "Sottoscrizioni", desde 1905; ACS, CPC, b. 4957, f. Stocchi Pietro).

Ettore Gnocchetti (Genzano, 1857 – Roma, 1914), ferreiro, também personagem de destaque do anarquismo romano, representante dos grupos da capital no congresso anarquista clandestino que ocorreu na Suíça de língua italiana, em Capolago, em 5 de janeiro de 1891, com a participação de Gori, Malatesta e Cipriani, entre outros 63 principais expoentes do socialismo anárquico¹⁸, foi obrigado a emigrar para São Paulo com passagem paga pela polícia romana junto com outro anarquista, Pio Spadea, em novembro de 1902. Gnocchetti chegou em dezembro e foi morar na residência paulistana do amigo republicano Stocchi, no centro: os dois foram os principais acusados no processo pelos embates da grande manifestação operária de fevereiro de 1889 em Roma, sendo que Gnocchetti foi condenado na ocasião a dez meses de prisão. Rotellini, na época, fez todo o possível para reter o antigo amigo Gnocchetti em São Paulo, mas este, apesar dos pedidos dos grupos anarquistas paulistanos e também portenhos para coordenar e reforçar as redes de libertários malatestianos de língua italiana localmente, decidiu voltar para Roma logo em agosto de 1903, liderança reconhecida da Federação Socialista Anárquica (ACS, CPC, b. 2469, f. Gnocchetti Ettore e b. 4957, f. Stocchi Pietro; ASR, TCP, b. 4858, f. 44777, Processo Stocchi-Gnocchetti).

Perfis de anarquistas romanos em São Paulo: algumas trajetórias libertárias

No conjunto prosopográfico mencionado dos mais de quinhentos militantes italianos que atuaram durante a Primeira República em São Paulo

¹⁷ Stocchi partiu da Itália em junho, chegando em São Paulo com a família toda (esposa e uma filha) no dia 1º de julho de 1897 (APESP, LMHISP, livro 50, p. 120 e ACS, CPC, b. 4957, f. Stocchi Pietro); Damiani chegou em agosto (ACS, CPC, b. 3698, f. Damiani Luigi/1).

¹⁸ Elenco degli individui intervenuti al congresso anarchico di Capolago (ACS, TCP, PP, b. 6086, f. 58987) e *Manifesto ai Socialisti ed al popolo d'Italia e Programma del Partito Socialista Rivoluzionario Anarchico Italiano. Risoluzioni del Congresso Socialista Italiano di Capolago*. Forlì, 1891.

(*omissis* FAPESP, 2019), podemos razoavelmente acompanhar os percursos daqueles 10% constituídos pelos naturais da região Lácio, os ditos romanos, inclusive porque a capital realmente absorvia os nascidos em outras comunas da mesma região; podemos focalizar e seguir com mais afinco em seus deslocamentos transnacionais, particularmente entre Roma e São Paulo, compreendendo certas dinâmicas relacionais e revelando o fazer-se de sua formação política transnacional.

Podemos reconhecer entre esses militantes romanos uma preponderância de *anarquistas*, ao menos dois terços, seguidos pelos republicanos (20%), sendo os outros socialistas e, mais tarde, comunistas ou antifascistas liberais, ainda que para todos eles seja difícil atribuir tendências políticas fortemente definidas e definitivas nesse período, como o caso de Rotellini exemplifica e como evidenciado pela situação politicamente heterogênea, com experiências e mobilizações organizativas comuns e compartilhadas, particularmente característica do movimento operário romano na década de 1890.

Consideramos, então, 33 *militantes libertários*: desses, somente nove não haviam nascido na cidade de Roma: três eram de Civitavecchia, dois eram de Genzano, e depois Frosinone, Terracina, San Vittore del Lazio e Rignano Flaminio com um militante cada – todos centros extremamente pequenos.

Genzano fazia parte da área muito próxima de Roma, “os castelos”, composta por municípios rurais marcados pela presença de coletividades artesãs e camponesas em simbiose com a capital, possibilitando idas e vindas, usuais frequências, comuns redes políticas. Civitavecchia, principal cidade portuária do Lácio, tinha uma sua autonomia em relação ao movimento operário romano, mas também muitas ligações: embora importante regionalmente, era um centro urbano marítimo ativo, mas modesto, obviamente não comparável às duas grandes cidades do Mar Tirreno com quem a economia romana mais se relacionava, Livorno (na Toscana) e Nápoles, que no final do século XIX ainda era a cidade italiana mais populosa, com núcleos libertários que se

relacionavam também com os da capital.

De um ponto de vista geracional, esses militantes anarquistas haviam nascido entre 1849 e 1895: dezenove, portanto mais da metade, até 1870, quando da anexação de Roma à Itália. A geração da década de 1870, à qual pertencia por exemplo Gigi Damiani, é formada por sete pessoas, todas nascidas na segunda metade da década; quanto ao restante, seis militantes nasceram entre 1883 e 1895. Enfim, o perfil geracional é de trabalhadores que mediantemente vivenciaram o amanhecer do movimento operário romano entre o fim do internacionalismo da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), a radicalização do republicanismo nacionalista mazziniano, a emergência das primeiras organizações que se definiam socialistas, anarquistas ou anarcossocialistas, sobretudo dentro do contexto do auge e depois da crise da expansão urbana de Roma durante a década de 1880, que afetou de forma mais violenta o setor da construção (Cafagna, 1952; Insolera; Berdini, 2024, p. 112-130).

O quadro dos ofícios mostra que eram todos trabalhadores, com a exceção de um farmacêutico e um barbeiro. Os mais qualificados eram os sete tipógrafos, categoria particularmente organizada e atuante em Roma, como vimos; oito trabalhavam mais propriamente na construção (oleiros, pedreiros, pintores e rebocadores); também os quatro marceneiros não eram artesãos autônomos, mas assalariados em empresas de carpintaria e marcenaria que dependiam do mesmo setor, assim como os dois ferreiros. No resto, além daqueles poucos dos quais desconhecemos a profissão, há um alfaiate e um cocheiro.

O perfil profissional corresponde às categorias de trabalho mais difusas na Roma da época, uma grande cidade sem indústrias, menos industrializada que São Paulo, mas um dos principais centros editoriais e da mídia impressa do país e em expansão urbana exponencial, ambos aspectos de seu novo papel de capital “moderna”, do que derivava um grau organizativo progressivo de tipógrafos e trabalhadores da construção (ASR, QR, b. 47, f. 212, Camera del Lavoro). A crise desse último setor, a verdadeira “indústria” romana, a

partir de 1886-1888, acabou por radicalizar um ambiente político social que já era tradicionalmente insurrecional e violento, numa fase em que a classe política liberal do novo Estado unitário, que localmente contava também com a presença de setores dominantes ultracatólicos e conservadores, foi completamente fechada a qualquer resolução positiva dos problemas sociais da população romana, intensificando as respostas repressivas usuais (Grella, 2012, p. 26-68).

Em relação à data de chegada em São Paulo, o ano de 1893 é prevalecente: 12 desses militantes chegaram nesse ano, seguidos por 9 que vieram entre 1895 e 1899. Finalmente, 4 chegaram entre 1901 e 1903, um em 1911, mais 4 no período 1914-1915. Dos três restantes, desconhecemos o ano preciso, mas certamente chegaram durante os primeiros cinco anos da década de 1890.

O ano de 1893, que coincidiu com a intensificação da estratégia de estímulo da emigração política por parte da polícia romana, como estratégia alternativa à repressão e à justiça penal, seguia dois fatos importantes. O fim do processo aos envolvidos nos embates do 1º de Maio de 1891, em março de 1892, havia cominado penas de um a dois anos no máximo, mas não havia conseguido incriminar os acusados de formação de quadrilha, além de ter sido o melhor palco nacional para a defesa dos programas e princípios de democracia social (ASR, TCP, b. 6085, ACS, DGPS, 1879-1903, b. 2, 1º Maggio 1891). Mais eficaz foi o fechamento, em março de 1892, da sede do grupo anarquista Borgo-Prati "Sol dell'Avvenire" (Sol do Porvir), que era o maior da cidade, bem ao lado da principal área de expansão urbana e da região das olarias que funcionavam a todo vapor, embora nos processos intentados também não tenham conseguido condenar ninguém por formação de quadrilha.

Para além das personagens já mencionadas, considerando que nossas reflexões aqui

pretendem contribuir para a construção de um panorama prosopográfico da militância de base, vamos traçar mais algumas breves e parciais biografias destes trinta e três militantes romanos "desconhecidos", dentro daquela abordagem micro-histórica que utiliza as informações documentais disponíveis e ao mesmo tempo lança mão de relações e possibilidades a partir de elementos indiciários¹⁹.

O alfaiate Giuseppe Galbiati (Roma, 1849) é quem tem a data de nascimento mais antiga nesse grupo, pertencente a uma geração com raízes ainda muito fortes no republicanismo social romano. Foi um militante ligado à AIT desde a década de 1870. Formou-se no ambiente heterogêneo das pioneiras associações de trabalhadores, entre mazzinianismo, bakuninismo²⁰ e, mais tarde, o socialismo costiano. Em 1884, pertencia à associação "Gioventù Democratica" (uma agremiação republicana de artesãos), que havia se transformado recentemente em "Circolo Cipriani" (uma homenagem a Amilcare Cipriani, ex-comunardo, na época anarquista), mas integrava também a "Federazione Operaia Romana", que juntava sociedades de trabalhadores de vários tipos e tendências políticas. Entre 1885 e 1889, ano em que transferiu sua residência para Savignano di Romagna (na Emília-Romanha), desenvolveu também a função de contato entre os internacionalistas de Terni (polo metalúrgico da Úmbria) e de Roma. Foi condenado em 1882 e 1884 por agressões a policiais durante manifestações em Roma. Emigrou para São Paulo (quase certamente) em 1893, onde consta vivia ainda na década de 1910. Não voltou mais para a Itália (ACS, CPC, b. 2233, f. Galbiati Giuseppe e ASR, Questura Cat. A-8, b. 314).

Paolo de Rossi (Roma, 1861), ferreiro mecânico, fazia parte do primeiro grupo de imigrantes italianos expulsos do Brasil em 1893 sob acusação de anarquismo, que haviam sido enviados naquele

¹⁹ Por esse motivo, à parte algumas menções necessárias ao longo do texto para entender o seu papel nessa rede e as ligações de outros imigrantes políticos da mesma origem regional com ele, deixamos de lado o aprofundamento da figura de Luigi 'Gigi' Damiani (Roma, 1876-1953), uma liderança no movimento anarquista em São Paulo até sua expulsão em 1919, para quem foram dedicados estudos biográficos mais amplos (por exemplo, Biondi, 2006).

²⁰ O anarquista russo Michail Bakunin (1814-1876) teve uma influência notável no fazer-se do movimento operário na Itália na época da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), sobretudo durante e após sua estadia no país no período 1864-1867.

mesmo ano com a emigração subvencionada para São Paulo, disfarçados como camponeses (ASDMAE, Serie Z, b. 83; f. 1461. Espulsi da São Paulo con l'accusa di anarchia nel 1893 e APESP, Hospedaria, livro 37, p. 189, vapor Solferino, 17 fev. 1893). Antes de emigrar, foi membro do "Circolo Gioventù Operosa" de Roma, uma associação composta sobretudo por republicanos e socialistas. Passou, então, ao campo anárquico, participando intensamente de todas as atividades do movimento, destacando-se em embates e agressões contra a polícia, pelas quais foi condenado uma primeira vez em 1890. De volta a Roma, em 1895 e 1896 foi preso novamente por ameaças armadas; finalmente, em 1897, procurado por suspeita de organizar um atentado, emigrou para Nice, na França (ACS, CPC, b. 1744, f. De Rossi Paolo)²¹. O oleiro Ettore Forchini (Roma, 1862), que muitos indícios apontam como muito próximo de Paolo, com experiências comuns de militância, também chegou nesse grupo e, com De Rossi, igualmente foi expulso para Itália após poucos meses; contudo, em 1894 estava de volta ao Brasil, morando em Santos (R. Consolato d'Italia, S. Paolo, 22 maio 1894, n. 2063/258; ASDMAE, Serie Z, b. 83; f. 1461).

Em abril de 1893, no mesmo esquema dos falsos cunhados, chegou o carpinteiro Romolo Donati (APESP, LMHISP, livro 39, p. 2), casou-se com uma operária italiana do Vêneto, e deixaram São Paulo rumo a para Buenos Aires no ano de 1900, após ele ter sido preso temporariamente por resistência e desacato a autoridade para defender um companheiro anarquista que a polícia paulista estava detendo a pedido do consulado italiano. Na Argentina, continuou militando no movimento anarquista, inclusive apoiando financeiramente e acompanhando os jornais libertários impressos no Brasil e na Itália que recebia regularmente (ASR, QR, Cat. A8, b. 248, f. Donati Romolo).

Para o pedreiro Augusto Stramazzi (Roma, 1862), que chegou a São Paulo em abril de 1893 com a família toda, o esquema foi o uso disfar-

çado da migração subvencionada para núcleos familiares que lhe permitiu a entrada (APESP, LMHISP, livro 39, p. 7)²². Augusto já havia sofrido várias prisões nessa época por ter provocado ferimentos e agressões nas manifestações operárias em Roma, em 1880 e 1884. Quando estimulado a emigrar para São Paulo, embarcado em Civitavecchia, havia recém-voltado de Nápoles após oito meses de prisão. Voltaram para Roma em 1915, depois de mais de duas décadas em São Paulo (ACS, CPC, b. 4968, f. Stramazzi Augusto). Aqui, logo em 1894, foi envolvido na atividade de repressão contra os anarquistas italianos em São Paulo reunidos no Centro Socialista Internacional, pelo que foi acusado também Rotellini (Leal, 2006, p. 33, p. 68).

Prolongada também foi a presença em São Paulo de Paolo Lembo, rebocador de paredes com um histórico de intenso ativismo no movimento anarquista e nos primeiros sindicatos. Chegou ao Brasil fugindo de uma condenação por homicídio ocorrido nos embates durante a mobilização da Praça Dante em Roma, em março de 1891, preparatória da grande primeira comemoração do 1º de Maio, pois, considerando as dinâmicas das duas manifestações, pode-se dizer que a de março foi quase uma "prova geral" da maior, de maio: comícios, presença de diversos tipos de associações políticas de trabalhadores, protagonismo da "Unione Emancipatrice" dos pedreiros, muitos desempregados, embates físicos de republicanos e anarquistas contra a força pública que tentava controlar os movimentos na praça e o tom dos discursos proferidos (ASR, QR, b. 43, f. 196, f. 197; b. 44, f. 199)²³. Lembo era procurado por ter cometido o crime junto com outro companheiro, Antonio Tesi, mas em 1893, quando da sentença, os dois estavam foragidos na América (ASR, QR, Cat. A8, b. 391, f. Lembo Paolo; ACS, CPC, b. 2757, f. Lembo Paolo). Segundo a documentação brasileira, Lembo não chegou a São Paulo ao longo de 1893, mas em janeiro de 1896, com esposa e filhos, enquanto

²¹ Após um período em Lausanne (Suíça), voltou para Roma com os filhos em 1907. Ainda era considerado anarquista nos anos de 1920.

²² A filha Alba (Porvir) de dois anos, tem um típico e moderno nome libertário e socialista.

²³ Comizio in piazza Dante; Movimento di operai e comizio di Piazza Dante del 19 marzo (Arresto di anarchici); Comizio operaio in piazza S. Croce del 5 aprile 1891.

a família originária (pais e irmãos, todos também romanos) entrou no Estado poucos meses antes, em outubro de 1895 (APESP, LMHISP, livro 52, p. 141; livro 51, p. 191).

Encontramos Paolo Lembo no movimento operário paulista em vários momentos no começo do século XX em São Paulo: em 1907 era um dos membros da direção da Liga dos Pedreiros, fortalecida logo após a greve geral de 1907, a famosa e pioneira greve das oito horas, associada à Federação Operária de São Paulo (Movimento sindical. Federação Operária do Estado de S. Paulo, *Avanti!*, São Paulo, n. 1728, 24. jun. 1907). Contudo, sua concepção anarquista da luta de classes o levou a brigar para um sindicato de "pura" ação direta, o que lhe causou a suspensão da liga por um ano em 1908 (*Avanti!*, São Paulo, n. 1896, 8 jan. 1908)²⁴. Sobre Antonio Tesi sabemos pouco, mas em 1906 já morava havia alguns anos em Buenos Aires (ACS, CPC, b. 2757, f. Lembo Paolo).

Pedreiro envolvido também nas organizações sindicais em São Paulo foi Silvano Antonelli (Terracina, 1892). Reconhecido pelos pais somente em 1899, foi criado em orfanato, mas em 1908 se transferiu com a família (o pai era garçom) para Roma, trabalhando como pedreiro e rebocador de paredes. Emigrou sozinho para Buenos Aires logo depois, em 1909, e após dois anos se transferiu para São Paulo capital, onde trabalhou sobretudo como canteiro. Anarquista, integrou o movimento em São Paulo. Estava trabalhando nas obras do Palácio das Indústrias quando incentivou a formação de uma comissão de pedreiros, carpinteiros e serventes, aderindo à greve geral de julho de 1917, e participando dos embates no Moinho Santista na Mooca. Foi deportado do território brasileiro em outubro de 1919, após sua participação nas mobilizações do período e diversas prisões, também por ser diretor do jornal *Alba Rossa*, empastelado naquele ano. Com os outros anarquistas expulsos, Alessandro Zanella e Luigi Damiani, tentou em

vão obter passaporte para voltar rapidamente ao Brasil. Uma vez na Itália, foi acolhido pela família em Roma, mas obrigado a prestar o serviço militar, de que desertou em 1920, quando emigrou clandestinamente para o Brasil, voltando a São Paulo, onde havia deixado a companheira. Continuava anarquista quando foi preso em 1933 e acusado de ser falsário, sendo transferido em 1935 para o Hospital Psiquiátrico de Juquery, onde ainda se encontrava nos anos de 1940 (ACS, CPC, b. 156, f. Antonelli Silvio; AN, PE, IJJ7, n. 146).

Essa geração mais nova, praticamente os últimos e mais raros romanos a emigrar para São Paulo, se inseriu nessa cadeia migratória política regional, como também foi o caso de outro pedreiro pertencente a uma família que vinha do meio republicano social mazziniano e depois havia se deslocado para o anarquismo, sobretudo pelas oportunidades de conectar a luta de classe organizada sindical mais "moderna" dentro de uma revisitação da cultura de ação direta conflituosa de rua, que vinha daquela mesma tradição republicana radical oitocentista. Trata-se aqui de Balilla Asquini (Roma, 1890), mais exatamente pintor de paredes, cujo nome de batismo, quando associado aos nomes do irmão, Trento, e da irmã, Trieste, ambos militantes anarquistas desde a juventude, explicita essas conexões históricas do nacionalismo republicano social e anticlerical dos pais do tempo das lutas pela independência e anexação de Roma ao estado unitário italiano²⁵. Balilla chegou a São Paulo às vésperas da Primeira Guerra Mundial, com um histórico de militância que remontava a dez anos antes, 1905, quando já resultava filiado à Federação Anarquista do Lácio e ao grupo libertário romano de "La Rivolta". Morava com a família em San Lorenzo, um dos principais bairros operários de Roma, na mesma época em que a pedagoga Maria Montessori ali instalava a sua Casa das Crianças. Depois de 1905, a cada ano, Balilla colecionava alguma

²⁴ Na década de 1940, ainda morava em São Paulo. Uma irmã e os sobrinhos que ficaram em Roma estiveram entre as diversas primeiras famílias proletárias do centro de Roma a serem transferidas nas "borgatas" de Primavalle e Tor Marancia, entre as Cohabs periféricas implantadas pelo governo fascista no processo de gentrificação do centro da capital.

²⁵ Balilla era o menino genovês que se supunha ter iniciado uma revolta popular em 1746 contra os ocupantes austríacos, um dos símbolos do nacionalismo italiano oitocentista; Trento e Trieste eram as duas cidades majoritariamente itálicas que até 1918 ainda eram parte do Império Austríaco, mas reivindicadas pelo nacionalismo irredentista popular. Sobre Trento Asquini (Roma, 1885, pintor de paredes) e Trieste Asquini, ver Grella (2012, p. 230, 264).

condenação por manifestações ou brigas políticas de rua, porte de armas, agressões e desacatos, tendo sido a principal em 1908, por causa dos embates nos chamados Fatos da Piazza del Gesù que já narramos, com o envolvimento da união dos pedreiros que ele frequentava com o irmão (esse presente também nos mesmos embates): dois anos de prisão, depois reduzidos a nove meses (ACS, DGPS 1908, b. 8). As prisões temporárias continuaram também depois de 1909, pois seguia com afinco sua atuação no movimento anarquista e sindical, integrando em 1914 outro grupo romano, o "Il Aprile", até que em março de 1915, no meio do auge da difusão da campanha antimilitarista contra a próxima entrada da Itália no conflito, a polícia romana decidiu pagar a passagem a São Paulo para Balilla e outro companheiro, o maquinista carpinteiro Eugenio Quagliarini (Roma, 1895), para liberar o ambiente de mais dois jovens anarquistas. Ambos foram acolhidos inicialmente pelo tio de Balilla, empreiteiro em São Paulo, na Barra Funda (ACS, CPC, b. 207 f. Asquini Balilla e ASR, QR Cat. A8, b. 621, f. Balilla Asquini). Em 1917, na época da greve geral, Balilla já integrava também a antiga sociedade mutualista União Operária de Mútuo Socorro da Barra Funda, composta majoritariamente por italianos republicanos e socialistas (*Fanfulla*, São Paulo, 17 set. 1917; Biondi, 2011, p. 51-104).

Entre os tipógrafos imigrados que podemos acompanhar biograficamente, a atuação política foi ainda mais intensa nas publicações anarquistas e na proximidade com a organização sindical, que já em Roma foi pioneira no movimento operário. Duilio Bernardoni (Roma, 1883), que chegou com pai e uma irmã, em 1896, passando pela Hospedaria (APESP, LMHISP, livro 54, p. 167), foi um anarquista muito ativo no movimento em São Paulo desde a juventude. Em relação com Bandoni e Cerchiai, em 1903 assumiu a direção do jornal anarquista *Germinal*, substituindo Bandoni. Participou de todos os principais empreendimentos periódicos anarquistas em língua italiana em São Paulo: *La Gogna* (1902, diretor), *La Rivolta* (1903, diretor), *La Nuova Gente* (1903, redator) e, finalmente, na redação do *La Battaglia* quando da sua

fundação em 1904. Foi para Roma em junho de 1915, conseguindo voltar a São Paulo só em 1919, após o fim da guerra. Nessa breve permanência romana, foi acolhido por Casimiro Ciocchini, um antigo anarquista de origem toscana da província de Pisa (como muitos dos anarquistas italianos de São Paulo), presente no movimento romano desde o fim da década de 1880, envolvido na onda de atentados bombistas de 1892-1893, que empregava operários anarquistas em sua oficina de marcenaria (ACS, CPC, b. 535, f. Bernardoni Duilio; ASR, QR Cat. A8, b. 84, f. Bernardoni Duilio e ASR, TCP, PP, b. 2334 f. 61933).

Da mesma geração, mas com formação totalmente romana, era Emidio Bussi (Roma, 1880): encadernador, iniciou sua militância anarquista no período 1898-1900, sendo acusado e preso em agosto de 1900, após ter sido identificado como frequentador de grupos libertários e como propagandista, particularmente entre os companheiros de trabalho no Opifício Tiberino. Em 1903, emigrou para São Paulo, chegando sozinho à Hospedaria, indício de mais uma subvenção migratória estimulada pela polícia romana (APESP, LMHISP, livro 73, p. 94). Morador da Bela Vista (Bixiga), em São Paulo, que só deixou temporariamente uma vez em 1909-1910, voltando a Roma por ocasião da doença e morte do pai, trabalhou sobretudo como gráfico. Comunista na década de 1930, foi preso em outubro de 1934 por ter participado dos embates entre integralistas e antifascistas na chamada Batalha da Praça da Sé de 7 de outubro de 1934 (ACS, CPC, b. 910, f. Bussi Emidio; ASR, QR Cat. A8, b. 132, f. Bussi Emidio).

Os elos entre tipografias e imprensa romana e paulistana, já evidenciados a partir da trajetória de Rotellini, são evidentes em dois casos emblemáticos.

Umberto Biffani (Roma, 1878), que após mais de dez anos de atividade no movimento anarquista romano, ao menos desde 1900, chegou a São Paulo em 1914 em alternativa à prisão, e logo encontrou trabalho como linotipista na tipografia do *Fanfulla*, passando logo depois no *Il Piccolo* pelo seu envolvimento político (ACS, CPC, b. 640, f. Biffani Umberto e ASR, QR, Cat. A8, b. 96, f. Biffani Umberto).

Uma trajetória parecida, mas muito mais intensa do ponto de vista do histórico de militância, na passagem do republicanismo social para o anarquismo é a de Edoardo Nardelli (Roma, 1864), que sofreu as primeiras condenações por ferimentos em embates nas mobilizações operárias romanas em 1886. A partir desse momento, foram oito condenações seguidas por motivos semelhantes até 1903. Quando passou mais explicitamente ao campo anarquista, por volta de 1892, já era filiado ao histórico e importante sindicato dos tipógrafos romanos, a Federação do Livro. Passou um tempo em tipografias de jornais de língua italiana em Nice e Marselha, continuando ali sua atividade militantes no anarquismo e nos sindicatos, permanecendo novamente em Roma, como tipógrafo da Câmara dos Deputados, até 1915, quando, na véspera da entrada da Itália no conflito, pediu ao diretor-geral da polícia para receber a passagem gratuita a São Paulo, para ele e a família (esposa e uma filha de 13 anos), onde encontrou ocupação na tipografia do *Fanfulla*; demitido, também foi para *Il Piccolo*, que deixou em 1917, quando foi embarcado como militar para a Itália. Voltou a São Paulo em 1920, sempre com passagem paga pela direção-geral da polícia italiana, que queria evitar a presença de mais um anarquista muito ativo em Roma no contexto das mobilizações do pós-guerra (ACS, CPC, b. 3489, f. Nardelli Edoardo).

A presença em São Paulo de anarquistas romanos, mas também republicanos²⁶ e socialistas, se insere autonomamente na forma de uma específica cadeia migratória urbana de tipo político, constituindo assim um processo muito original da formação transnacional das classes trabalhadoras italiana e brasileira nas suas expressões políticas entre o fim do Oitocentos e o início do Novecentos, sendo ao mesmo tempo uma componente significativa no fazer-se do movimento operário organizativo em São Paulo, sobretudo de marca libertária.

Outras redes políticas urbanas regionais e transprovinciais entre Itália e Brasil podem ser encontradas nesse período e no mesmo contexto (toscanos e emilianos, por exemplo), mas todas aparentam uma ligação, muitas vezes simbiótica, outras vezes menos aparente, com os fluxos migratórios regionais de seus muitos patrícios das mesmas áreas que nada tinham a ver com um histórico político pregresso antes da emigração, ou que, embora tivessem uma experiência de militância na Itália, migravam sobretudo por trabalho.

No caso dos militantes romanos, a migração política é o elemento fundamental que os leva ao Brasil; caso contrário, não teriam migrado, procurando alternativas de trabalho em Roma. Podemos afirmar que essa cadeia migratória de tipo político, que acaba criando, consequente e involuntariamente, também uma rede regional bastante evidente, foi estimulada inicialmente por fomento das autoridades policiais romanas no começo da década de 1890, que estrategicamente interceptaram a conjuntura do auge da imigração subvencionada para São Paulo, para se livrar de militantes extremamente ativos, de diversas tendências políticas, mas em grande parte anarquistas ou republicanos revolucionários. Há, portanto, uma característica de inelutabilidade nessa migração, mas em alguns casos os próprios militantes se apropriaram dessa prática, apresentando-se à polícia romana com tal finalidade, em períodos de dificuldade econômica ou extrema repressão, pois a prática adentraria o século XX, quando já havia uma "comunidade" difusa de militantes italianos enraizada em São Paulo, com a presença marcante de conhecidos anarquistas, republicanos e socialistas egressos de Roma e arredores que podiam acolher os "novatos".

A abordagem micro-histórica, que utiliza as informações documentais disponíveis e ao mesmo tempo lança mão de relações e possibilidades a partir de elementos indiciários, pode ajudar a iluminar essas experiências políticas e os corres-

²⁶ O republicanismo italiano da época, nos mundos do trabalho voltado para projetos de democracia social (sufrágio universal, estado social, cooperativismo e difusão da pequena propriedade), tinha seus alicerces no pensamento e na ação do nacionalista revolucionário Giuseppe Mazzini (1805-1871).

pondentes caminhos formativos transnacionais, na ótica de uma cultura política regional egressa do antigo insurrecionalismo romano oitocentista, de marca republicana social, reforçado depois pela ação direta anarquista, por sua vez ressignificada em São Paulo, mas que aqui encontra também um ambiente propício.

Os elementos salientes e conclusivos que podemos destacar se referem antes de mais nada à origem proletária desses militantes. Trata-se quase exclusivamente de trabalhadores assalariados, que raramente passaram pela experiência do trabalho artesão autônomo, mas desenvolviam ofícios que requeriam certa qualificação em ambientes de trabalho de todo modo coletivos.

Em seguida, aparecem suas tendências ao associativismo organizado não somente em âmbito político anarquista, mas também sindical, sem desdenhar em alguns casos a inserção em agremiações heterogêneas, mutualistas; então, a ação direta como prática de luta de classes, com evidentes tradições oitocentistas de origem republicana de Roma e das antigas províncias do Estado Pontifício de tipo revolucionário, com embates físicos em ambientes públicos e o uso de armas.

Ainda que tenham vivenciado a sua formação na chamada “época dos atentados anarquistas”, consideravam ao mesmo tempo mais importantes as expressões organizativas dos trabalhadores, dentro de um horizonte malatestiano, filhos de um ambiente e de culturas políticas radicais oitocentistas, e por isso fortemente resilientes à modernidade industrial, que ainda se reproduziam na Roma do começo do século XX e que encontraram novo sentido na São Paulo da mesma época.

Referências documentais

ARCHIVIO CENTRALE DELLO STATO (ACSR), CASELLARIO POLITICO CENTRALE (CPC). Roma, Itália.

ARCHIVIO CENTRALE DELLO STATO (ACSR), DIREZIONE GENERALE DI PUBBLICA SICUREZZA (DGPS). Roma, Itália.

ARCHIVIO DI STATO DI ROMA (ASR), QUESTURA DI ROMA (QR). Roma, Itália.

ARCHIVIO DI STATO DI ROMA (ASR), TRIBUNALE CIVILE E PENALE (TCP), PROCESSI PENALI (PP). Roma, Itália.

ARCHIVIO STORICO DIPLOMATICO DEL MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI (ASDMAE), AFFARI POLITICI (AP). Roma, Itália.

ARQUIVO NACIONAL (AN), PROCESSO DE EXPULSÃO (PE). Rio de Janeiro, RJ.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (APESP), INQUÉRITO POLICIAL (IP), ACERVO PERMANENTE (AP), PROCESSOS POLICIAIS (PP). São Paulo, SP.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (APESP), LIVROS DE MATRÍCULA DA HOSPEDARIA DE IMIGRANTES DE SÃO PAULO (LMHISP). São Paulo, SP.

BERTOLOTI, Alcibiade. Carta a Andrea Costa, São Paulo, 4 dez. 1891. Biblioteca Comunale, Carte Costa, n. 1265. Ímola, Itália.

MANIFESTO ai Socialisti ed al popolo d'Italia e Programma del Partito Socialista Rivoluzionario Anarchico Italiano: Risoluzioni del Congresso Socialista Italiano di Capolago. Forlì, 1891.

Referências bibliográficas

BAILY, Samuel L. Las dimensiones globales de la migración italiana: siguiendo el rastro de la diáspora a través de las sociedades italianas, 1835-1908. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, [s. l.], n. 44, p. 5-15, abr. 2000.

BAILY, Samuel L. Las sociedades de ayuda mutua y el desarrollo de una comunidad italiana en Buenos Aires, 1858-1918. *Desarrollo Económico*, [s. l.], v. 21, n. 84, p. 482-493, 1982.

BARRANCOS, Dora. Vita materiale e battaglia ideologica nel quartiere della Boca, 1880-1930. In: ROSOLI, Gianfausto (org.). *Identità degli italiani in Argentina: reti sociali, famiglia, lavoro*. Roma: Studium, 1993.

BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá; ROMANI, Carlo. A rede dos anarquistas italianos em São Paulo no início do século XX. *Revista Estudos Libertários*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-28, 2019.

BIONDI, Luigi. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: Unicamp, 2011.

BIONDI, Luigi. *La Battaglia: o jornal, o grupo e as redes étnicas anarquistas (1904-13)*. In: BIONDI, Luigi; GUIMARÃES, Valéria; LUCHESE, Terciane Ângela (org.). *Mediações transnacionais e imprensa estrangeira publicada no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2022.

BIONDI, Luigi. La militanza politica e sindacale degli emiliano romagnoli a São Paulo. In: FRANZINA, Emilio (org.). *Gli emiliano romagnoli e l'emigrazione italiana in America Latina*. Modena: Istituto Storico di Modena, 2003.

BIONDI, Luigi. Na construção de uma biografia anarquista: os anos de Gigi Damiani no Brasil. In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). *História do anarquismo no Brasil*. v. 1. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

BIONDI, Luigi. Origens: configuração, redes e percursos transregionais de militantes italianos no Estado de São Paulo da Primeira República. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; ROSSI, Mirian (org.). *Deslocamentos Humanos: narrativas e representações*. Brasil, séculos XX e XXI. São Paulo: Intermeios, 2023.

CAFAGNA, Luciano. Anarchismo e socialismo a Roma negli anni della febbre edilizia e della crisi (1882-1891). *Movimento Operaio*, [s. l.], n. IV, p. 729-788, sett./ott. 1952.

CAROCCI, Roberto. *Roma Sovversiva*: Anarchismo e conflittualità sociale. Roma: Odradek, 2012.

CAPPELLI, Vittorio (org.). Calabria migrante. *Rivista calabrese di Storia del '900*, [s. l.], n. 1, 2013.

CHIEFFALLO, Domenico. *Cilento oltre oceano. L'emigrazione cilentana dall'Unità alla seconda guerra mondiale*. Acciaroli: Centro di Promozione Culturale per il Cilento, 1994.

COLETTI, Alessandro. *Anarchici e Questori*. Padova: Marsilio, 1971.

DE RUGGIERO, Antonio. *"Settù voi venire ora è il tempo"*: L'emigrazione toscana in Brasile (1875-1914). Pisa: Pacini, 2020.

GABACCIA, Donna Rae. *Militants and migrants, rural Sicilians become American workers*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1988.

GIULIETTI, Fabrizio. *Storia degli anarchici italiani in Età Giolittiana*. Milano: Franco Angeli, 2012.

GRELLA, Pasquale. *Appunti per la storia del movimento anarchico romano dalle origini al 1946*. Roma: De Vittoria, 2012.

GROPPO, Bruno. Les dictionnaires biographiques du mouvement ouvrier: analyse comparée d'un genre scientifique. *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, [s. l.], n. 104-105, 2011.

HALL, Michael M. O movimento operário na cidade de São Paulo, 1890-1954. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

INSOLERA, Italo; BERDINI, Paolo. *Roma moderna*. Torino: Einaudi, 2024.

LEAL, Cláudia Baeta Feierabend. *Pensiero e dinamite*. Tese (Doutorado em História) – Unicamp, Campinas, 2006.

LINDEN, Marcel van der. *Trabalhadores do mundo: ensaios para uma história global do trabalho*. Campinas: Unicamp, 2013.

MASSARA, Katia; GRECO, Oscar. *Rivoluzionari e migranti*: dizionario biografico degli anarchici calabresi. Pisa: BFS, 2010.

RAMELLA, Franco. Redes sociales y mercado de trabajo en un caso de emigración, los obreros italianos y los otros en Paterson, New Jersey. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, [s. l.], n. 39, p. 331-72, ago. 1998.

ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori*. Vita avventurosa di un anarchico tra Toscana e Sudamerica. Pisa: BFS, 2015.

SASSI, Marco. *Amilcare Cipriani il rivoluzionario*. Rimini: Bookstones, 2019.

SIRCANA, Giuseppe. *Roma in piazza*. Roma: Ediesse, 2008.

TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias*. Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália, 1890-1945. Campinas: Unicamp, 2004.

TOMASSINI, Luigi. Il mutualismo nell'Italia Liberale. In: LE SOCIETÀ di Mutuo Soccorso in Italia e i loro archivi. Roma: Pubblicazioni degli Archivi di Stato, 1999.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Unesp, 2022.

TRENTO, Angelo. *Imprensa italiana no Brasil*. São Carlos: EdUFSCAR, 2013.

TURCATO, D. *Opere Complete di Errico Malatesta*. v. 5: Lo sciopero armato. Ragusa: La Fiaccola; Milano: Zero in Condotta, 2015.

URRIOLA, Jorge Ariel Canales. *Le valigie dell'anarchia*: percorsi e attivismo degli anarchici emiliani e romagnoli in Argentina e Brasile nella svolta di fine Ottocento. Tesi (Dottorato in Politica, Istituzioni, Storia) – Università degli Studi di Bologna, Bologna, 2016.

ZANGHERI, Renato. *Storia del Socialismo Italiano*: dalle prime lotte nella Valle Padana ai fasci siciliani. Torino: Einaudi, 1997.

Agradecimentos

Agradeço à FAPESP por ter financiado a pesquisa de pós-doutoramento que embasa as reflexões e análises apresentadas neste texto, através de auxílio BPE, processo n. 2018/01401-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Luigi Biondi

Professor associado de História Contemporânea da Unifesp, formado na Università di Roma "la Sapienza", com Doutorado em História na Unicamp e Pós-doutorado na Università di Roma "Tor Vergata" e na Fondazione Gramsci. Os seus principais temas de estudo se concentram na história das migrações, do nacionalismo e da história social do trabalho. Integra o GT da Anpuh Mundos do Trabalho e coordena o grupo de estudo da imprensa em língua italiana no Brasil do grupo de pesquisa internacional Transfopress.

Endereço para correspondência:**LUIGI BIONDI**luigi.biondi@unifesp.br

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.